

FORMAS DE PODER E SOLIDARIEDADE NO PORTUGUÊS DA POPULAÇÃO NEGRA PAULISTA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Sabrina Rodrigues Garcia BALSALOBRE¹

RESUMO: Esse trabalho – ligado ao projeto “Para a História do Português Paulista” (PHPP - Projeto Caipira), sub-projeto “Mudança gramatical no português de São Paulo” – se propõe a investigar o sistema de formas de tratamento em dois periódicos da Imprensa Negra paulista do início do século XX: *O Kosmos* e *O Alfinete*. O trabalho de investigação nesses jornais resgata uma inesgotável fonte de informações sobre a situação da população negra do período pós-libertação da escravatura. Além disso, essa investigação revela dados de apropriação da norma culta (típica do gênero jornalístico) pelos editores dos jornais – como tentativa de inserção social também por meio da língua. Desses jornais foram depreendidos usos típicos do sistema de formas de tratamento, por se acreditar que esse dado lingüístico representa um exemplo privilegiado que há entre a história interna e externa da língua, já que evidencia a inter-relação entre fatos sociais e lingüísticos, representando fundamentos da organização do *status* social. Para se atingir esse objetivo, de se verificar usos que revelam tentativas de inserção social por meio da língua e formas de tratamento típicas da variedade popular, esteve em foco a proposta de Brown e Gilman (1972 [1960]) de categorizar as formas de tratamento segundo a semântica do poder e da solidariedade.

PALAVRAS-CHAVE: formas de tratamento; Imprensa Negra; semântica do poder e da solidariedade; enunciação; gêneros textuais

Introdução

A formação da Imprensa Negra deu-se no período pós-abolição da escravatura por grupos de intelectuais negros, sobretudo, pela necessidade de veicular as reivindicações por melhores condições de vida e as propostas de inserção na sociedade brasileira. Os jornais que compuseram a Imprensa Negra paulista representaram, portanto, um papel fundamental na elaboração de uma identidade

¹ UNESP – Faculdade de Ciências e Letras/ Campus de Araraquara. Departamento de Lingüística. Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, Caixa Postal 174, Araraquara-SP, Brasil. sabrinabalsalobre@yahoo.com.br

afro-brasileira, uma vez que eram compostos por negros e dedicados a essa população.

De modo geral, os editores dos jornais representavam um conjunto de intelectuais negros, que pertenciam a um restrito grupo – não só de negros, como de brasileiros como um todo – de alfabetizados. Ainda assim, dentro desse grupo de intelectuais, pouquíssimos pertenciam de fato à grande burguesia, pois atuavam, em geral, como funcionários públicos de baixo escalão, motoristas particulares, cozinheiros etc. Apesar do fato de que esses jornalistas não estavam inseridos numa classe social bem favorecida, eles ainda constituíam uma pequena ‘elite’, uma vez que nas primeiras décadas do século XX a maioria dos grupos sociais era caracteristicamente analfabeta.

Em termos gerais, Ferrara caracteriza o advento da Imprensa Negra como uma ferramenta, utilizada por parte da comunidade negra, para promover a inserção social:

Neste período o negro tenta sua integração à sociedade brasileira; para tanto procura identificar-se com a sociedade dominante, assimilando ou copiando valores brancos, pressupondo a união do grupo negro e o desenvolvimento da solidariedade, através de apelos, o que levará a uma coesão do grupo negro, sendo a imprensa o veículo para essa integração (FERRARA,1986, p.199).

Dessa forma, uma das preocupações dos líderes desses movimentos era a aquisição da norma culta da língua. Com o intento de se demonstrar essa preocupação de inserção social, também por meio da língua, foram analisados dois periódicos: *O Kosmos* e *O Alfinete* – ambos da primeira fase da Imprensa Negra.

Desses jornais foram depreendidos usos típicos do sistema de formas de tratamento, por se acreditar que a escolha de uma das formas de tratamento, em detrimento de outras, está relacionada com as normas e os valores sociais vigentes na sociedade; particularmente, nesse caso, na sociedade paulistana do início do século XX. Portanto, esse fenômeno lingüístico evidencia a inter-relação entre fatos sociais e lingüísticos, representando fundamentos da organização do *status* social. Além disso,

acredita-se que a escolha de um tratamento do sistema também esteja vinculada à intenção desses redatores ao escrever o texto e ao público alvo que pretendem atingir.

O corpus de análise

Os dois jornais escolhidos para a realização desse estudo pertenceram ao primeiro período da Imprensa Negra: aproximadamente, de 1915 a 1923. A característica fundamental desse período é o seu caráter pedagógico, por conscientizar a população negra a adequar-se ao regime social imposto pela camada dominante e, assim, promover a inserção social desses indivíduos. Com esse intuito, era comum a publicação de pequenas notas sobre eventos sociais que envolvessem a população negra, como batizados, casamentos, aniversários, ou ainda, festas religiosas, falecimentos e, até mesmo, “mexericos”.Entretanto, cada um dos jornais tinha características peculiares, notadamente relevantes para os propósitos desse estudo.

O Alfinete foi um periódico dedicado a noticiar os ideais da comunidade negra por meio de textos opinativos sobre a defesa de padrões a serem seguidos pelos leitores. Além dessa proposta, era ainda característica dessa folha a publicação de eventos sociais e, sobretudo, de “mexericos” sobre a vida das pessoas da comunidade. Leite, um dos mais expressivos líderes da Imprensa Negra, define *O Alfinete* como um jornal que publicava fofocas, mas não de cunho ideológico, “as alfinetadas [eram] no sentido de corrigir a moral, denunciar pessoas que aparentemente tinham dignidade, mas escorregavam” (LEITE,1992, p.33).

Com um propósito bastante peculiar, *O Kosmos* era o jornal oficial do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos, que existia em função de atividades de cunho artístico-cultural e de entretenimento. Dessa forma, era objetivo principal do jornal a divulgação de eventos realizados pelo grêmio, sobretudo, os saraus literários e encenações de peças teatrais pelos próprios membros do grêmio. Essas atividades

revelavam o engajamento de seus participantes com atividades que envolviam leitura e escrita – há notícias que o Grêmio Kosmos manteve por um período uma biblioteca e uma escola de alfabetização. Ao comentar a existência de diversas sociedades negras no início do século XX, Leite menciona a importância do Kosmos:

Eram muitas: Kosmos, Treze de Maio, Brinco de Princesa, 28 de Setembro, Auriverde, Paulistano... Todas elas promoviam bailes, embora tivessem nascido com idéia de serem beneficentes para ajudar os negros. Entretanto, uma das poucas que mantinham esse objetivo era o Kosmos. Havia nessa sociedade um corpo cênico e um jornal. O presidente era funcionário da Faculdade de Direito, um grande homem chamado Frederico Baptista de Souza. Ele chegou a vender uma casa para manter a sociedade dentro dos padrões de seriedade, onde não se tinha ambiente para mulher ou tomar uma bebedeira. Era uma sociedade pra família e aquela postura dava um cunho intelectual, literário (LEITE, 1992, p.33).

Semântica do poder e da solidariedade

O dado lingüístico em discussão nesse estudo, o sistema de formas de tratamento, foi analisado levando-se em consideração a proposta pioneira de Brown e Gilman (1972 [1960]): a semântica do poder e da solidariedade. Essa escolha teórica se justifica pela relação que os pesquisadores estabeleceram entre esse fenômeno lingüístico e sua correspondência com dados sociais e culturais em que os interlocutores estão inseridos, de forma a realizar destacadamente a inter-relação entre o fator lingüístico e o social.

É de suma importância para esse estudo a classificação dos tratamentos de acordo com a posição e intenção do enunciador no momento da enunciação. Dessa forma, Soto (2001) faz uma proposta tripartida de classificação das formas de tratamento, segundo a disposição dos interlocutores, ou seja, a autora considera *alocução* quando há um enunciador se dirigindo diretamente à segunda pessoa do discurso; *elocução*² quando o enunciador trata de si mesmo; e *delocução* para a enunciação em que o locutor trata de uma terceira pessoa.

² Tratamentos elocutivos não foram encontrados nos jornais.

Assim, em função do jornal em análise, da atitude delocutiva ou alocutiva assumida pelo redator do jornal ao se dirigir ao seu leitor e, ainda, do gênero textual em que a forma de tratamento for encontrada, podem-se detectar duas formas distintas típicas da *semântica do poder*.

A primeira delas pode ser encontrada em diferentes seções de *O Kosmos* e de *O Alfinete* por corresponder diretamente aos ideais da primeira fase da Imprensa Negra: a exaltação dos membros da comunidade negra, ressaltando a sua importância e destaque social. Para se alcançar esse objetivo, os redatores empregam tratamentos sempre formais, aliados ao cargo da pessoa e, em alguns casos, o nome completo e a indicações do seu núcleo familiar:

(01) “NEGROLOGICO. A 12 do corrente, faleceu *o senhor Deodato de Moraes*, operário da fabrica de chapeo da Villa Prudente, tem 25 annos de idade, irmão dos *senhores José de Moura Marcondes e Mario Francisco Moura*, sobrinho do *senhor Frederico Baptista de Souza*.”³

No exemplo acima, a identificação do membro falecido se dá a partir de sua profissão e de suas relações familiares, sobretudo, ressaltando-se a sua importância por ser sobrinho de uma pessoa de destaque para a comunidade negra, o senhor Frederico Batista de Souza, secretário do jornal *O Alfinete*. Torna-se nítida a marca de poder demonstrada pelo redator dessa seção de necrologia pela falta de correspondência entre a pouca idade de *Deodato de Moraes* e a designação de *senhor*.

Algo parecido ocorre nos exemplos abaixo: no primeiro deles (02) também não houve relação entre a idade e a marca de formalidade – isso se explica pela necessidade de se exaltar à importância de Arcenio e não pela relação entre *senhor* e pessoas mais velhas, como é feita hoje. E no segundo exemplo (03), também retirado da seção de

³ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

necrologia, aparece o caso de um membro da comunidade negra que, apesar de ter sido internado em um hospício, recebe o tratamento formal e desígnios de antigo e estimado:

(02) “DIGNO DE NOTA. (...) foi-nos apresentado o *sr. Arcenio Ferraz de Camargo*, distinctíssimo moço campineiro. (...) Enviamos ao *distincto sr.* os nossos sinceros agradecimentos.”⁴

(03) “FALLECIMENTO. Após sete annos no Hospicio do Jacarehy, no dia 12 do corrente mez, o *snr. Baldomiro Cunha*, antigo e estimado sancristão da Irmandade do rosário dos Homens Pretos.”⁵

Na maioria dos casos encontrados em *O Alfinete e o Kosmos* há a indicação do cargo desempenhado pelas pessoas da comunidade, exceto em situações em que a pessoa referida é amplamente conhecida por todos os leitores, como o presidente do Grêmio Kosmos ou demais funcionários importantes:

(04) “As principais promotoras do pic-nic, as *senhoras Martinha de Freitas*, (*presidente, Aurora da Silva (vice)*) foram de uma gentileza sem par com os presentes.”⁶

(05) “ANNIVERSARIO. Fez annos no dia 5 do corrente mez, o *Snr. Capitão Mario da Silva Prado*, muito digno chefe político da Villa Marianna irmão do *Snr. Armando da Silva Prado*, distincto advogado do nosso foro e homen de letras.”⁷

(06) “Acha-se completamente restabelecida da molestia de que foi acometida a *senhora Dna. Sebastiana de Moraes*, muito digna auxiliar do Centro Recreativo Smart.”⁸

(07) “Temos o ‘Centro Smart’ que, a despeito das demais congeneres, deu uma prova do seu saber: tendo o *presidente Gastão da Silva*, creado uma caixa beneficente, anexa ao Centro.”⁹

⁴ *O Kosmos*. Ano I, número 6. Novembro de 1922.

⁵ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

⁶ *O Kosmos*. Ano I, número 6. Novembro de 1922.

⁷ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

⁸ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

(08)“Sim, porque o *senhor Oliveira*, aplicou uma bella corrigenda, fazendo ‘justiça aos de casa’, assim deve ser.”^{10 11}

Existe ainda uma outra forma de expressão do poder, diretamente relacionada com situações alocutivas e com gêneros textuais que permitem o uso de uma linguagem mais próxima do vernáculo dos leitores e redatores desses jornais. Trata-se de situações em que o redator aponta de forma explícita as atitudes indesejáveis dos membros da comunidade negra. Exemplos dessa natureza são mais encontrados no jornal *O Alfinete*, mais especificamente no gênero textual *Coluna de Mexericos* – em seções denominadas “Aprecio”, “Phrazes apanhadas”, “Criticas”, entre outras. São exemplos:

(09)“Bertho? o rapaz inesquecível; não por ser actualmente casado; mas sim, por dançar bem. Vamos *seu Bertho*; é preciso duchar a *Maria* que com ella completa quatro, e o direito que te é conferido está marcando uma só. Ora essa! Quatro Marias para *você* só? E os demais?”¹²

(10)“*Sebastião da Cruz*, cuidado com as pianistas, olha quando as trez se encontram uma só vez ahi é que eu quero ver a fita com *você*. Uma te queima a roupa, outra te leva a presença d’aquela lá da P. e outra te leva no balão; ahi se acaba a farra das ruas Bonita, Graça e Dutra Ruiz.”¹³

(11) Seu Philogonio. Cuidado com a cavação da rua Canindé n°88. Olha isso não dá certo. *Você* precisa encentar com essa cavação. A mãe della é viúva sem encosto, e só vive das verduras que vende, e por isso mesmo é para vestir e educar a filha. (...).¹⁴

Nos três exemplos houve situações alocutivas em que o redator da coluna se dirigiu textualmente ao seu interlocutor, identificando-o. Pelo fato de que há

⁹ *O Alfinete*. Ano I, número 8. Março de 1919

¹⁰ *O Kosmos*. Ano I, número 3. Agosto de 1922.

¹¹ O senhor A. Oliveira é diretor de *O Alfinete*.

¹² *O Alfinete*. Ano I, número 4. Outubro de 1918

¹³ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

¹⁴ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

juízo de valor nos três exemplos, acompanhado de uma espécie de aviso no segundo, parece não haver nenhuma relação simétrica entre o redator e os leitores especificados, uma vez que se houvesse intimidade, esses interlocutores discutiriam o assunto pessoalmente (e não em público, como foi feito, para servir de exemplo aos demais leitores). Esses argumentos sugerem que a relação estabelecida nessa alocução apresenta dados típicos da semântica do poder.

O poder na expressão de *você*

A partir dos três exemplos acima se pode estabelecer uma correlação entre a ausência de formas de tratamento que identifica *Sebastião da Cruz* (10) e *Maria* (09), o tratamento irônico dispensado ao *Seu Bertho* (09) e *Seu Philogonio* (11), com a existência do tratamento pronominal de segunda pessoa *você*. Esse pronome é empregado apenas em seções de *O Alfinete* em que o redator destina um tratamento depreciativo para o seu interlocutor; de forma que há a sugestão de que essa forma pronominal era recorrente na sociedade paulistana do início do século XX, mas com um caráter pejorativo, informal e típico de uma variedade popular da língua.

Essa hipótese pode ser confirmada pelo contraste estabelecido com a recorrência e o contexto em que aparece o tratamento pronominal de 2ª pessoa *tu*. Em geral, são dois gêneros tipicamente alocutivos que favorecem o aparecimento desse pronome: as *anedotas* e textos literários em prosa que ressaltam a temática amorosa. Nesse último gênero textual a alocução ocorre de uma primeira pessoa masculina para uma segunda pessoa feminina, sempre designada pelo seu nome ou pelo pronome *tu* e demais formas pronominais correspondentes. Isso se justifica pela necessidade criada pelo eu-lírico de exaltar a mulher amada por meio de uma linguagem dita “elevada”, de forma que esse tratamento pronominal contribui para a exaltação:

(12) “ ESTHER. Como é lindo encontrar-se dois corações que se amam; não é verdade?! Entretanto, *tu* lá e eu cá, parece que, por uma transmissão de pensamento, já víamos esse amor familiar que nos havia de unir até a eternidade.”¹⁵

(13) SÓ A TI. Não, não! Nada me pode acontecer, pois estou condemnado a ser tua e serei!...Mesmo assim, sinto-me incapaz de suportar a vida quando, n’uma concentração de espírito, não vejo o dia de amanhã. Entregue ao labryntho sem sahida, amando-te a ti, mulher adorável e adoradora, perturbo-me a mim mesmo com o agradável projecto que tenho em mira (...). Euzébio.¹⁶

Nesses dois exemplos em que o conteúdo do texto se pauta na temática amorosa, aparentemente o uso de *tu* sugere um uso íntimo e solidário, típicos das formas de tratamento solidárias. Entretanto, a natureza desses textos sugere a falta de reciprocidade entre os interlocutores, pelo fato de esses homens colocarem as mulheres amadas em uma posição superior. Assim, o uso desse tratamento pronominal de segunda pessoa, diferentemente do que ocorre com *você*, pode também ser considerado como um uso típico da semântica do poder nesse contexto.

O outro exemplo de gênero textual que prevê a ocorrência de *tu*, as *anedotas*, se encontra majoritariamente em *O Kosmos*, na seção denominada “Idea dos outros”. Essas seções simulam diálogos entre interlocutores, portanto, situações alocutivas, em que uma primeira pessoa se dirige ao seu interlocutor por meio do pronome *tu*:

(14) Numa reunião:

Não *disseste* senão tolices. Para que *pediste tu* a palavra?

Ora! Porque tinha muita sede, e queria beber o copo da água que se dá aos oradores.¹⁷

(15) “Papá, quando eu for grande quero casar com a minha avósinha.

¹⁵ *O Alfinete*. Ano IV, número 74. Agosto de 1921

¹⁶ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918

¹⁷ *O Kosmos*. Ano I, número 8. Janeiro de 1923.

- Então *tu* *queres* casar com a minha mãe, meu pateta?
- E o papá não casou com a minha?”¹⁸

(16) À volta da caça:

- Mataste alguma coisa, Raul?!
- Matei um pato...
- Bravo?!
- Não! Bravo era o dono.¹⁹

Esses exemplos demonstram que o uso de *tu* era comum na sociedade paulistana do início do século XX, haja vista que as anedotas são compostas em linguagem corrente com a finalidade de se criar o efeito cômico. Todavia, um estudo sociolinguístico de Menon (1995) revela que as relações interlocutivas na cidade de São Paulo nesse período eram feitas com o uso da variante *você*, sem um uso anterior de *tu*. Esse dado se anteporia ao efeito discursivo criado pela contraposição das relações entre *você* e *tu* em função dos contextos aqui apontados. Ainda assim, é possível depreender que o uso de *tu* nas anedotas de *O Kosmos*, um jornal com pretensões literárias, é uma tentativa de imprimir um aspecto de literariedade a esse gênero discursivo.

Ausência de forma de tratamento em indicação de poder

Casos em que se detectam relações de poder também podem ser percebidas em determinadas delocuições construídas sem formas de tratamento.²⁰ Isso se justifica pelo fato de que, por existir uma intenção respeitosa ao se dirigir a uma pessoa por meio de um tratamento formal, a ausência do tratamento revela um posicionamento

¹⁸ *O Kosmos*. Ano I, número 6. Novembro de 1922.

¹⁹ *O Kosmos*. Ano I, número 6. Novembro de 1922.

²⁰ Não é o caso do pronome zero, em que se apresenta dificuldade em determinar a forma correta para se tratar uma pessoa. Nesse caso, o falante opta por empregar uma forma não-marcada, evitando uma descortesia desnecessária. A esse respeito, ver Menon e Penkal, 2002.

hierarquizado, portanto, não recíproco entre a 1ª e 2ª pessoas. Exemplos dessa natureza podem ser encontrados em jornais da Imprensa Negra:

(17) NOVOS SOCIOS. Foram aceitos os Snrs. Sebastião Amaral, Jose Augusto de Oliveira, Luiz Mació, Francisco Lucente, João Alexandre, Marcelino de Souza, Nilo Vieira e a Sta. Maria de Lourdes.

(18) ELIMINACAO. De acordo com o artigo 27 § 3.c ultima parte a Directoria eliminou os socios Augusto de Oliveira e Oreste Parisi.²¹

(19) “CHUVEIRO DE PRATA. (...) A nossa satisfação é tanta que chegamos a admirar o seu *bondoso Presidente*, que vae sempre acompanhado de sua *exma. e gentil esposa*, ainda não prohibiu que alli entrassem: *Magdalena Rosa, Eulgeneia da Conceição, Auria do Carmo, Gertrudes da Conceição*, etc, que são pessoas que a moral manda que fiquem em ...casa.”²²

Os exemplos de *O Kosmos* e de *O Alfinete* colocam em contraste pessoas da comunidade negra que “merecem” formas de tratamento, como, por exemplo, os senhores que foram aceitos como sócios (17) e o presidente do Grêmio Chuveiro de Prata e sua esposa (19) que receberam tratamentos formais; e pessoas que os redatores não colocam indicações de tratamento, também como indício de falta de reciprocidade e solidariedade, como ocorre com os sócios eliminados, entre outras razões, por inadimplência, e com as moças, cuja moral é questionada.

Ironia como forma de poder

É possível detectar, por meio de uma análise discursiva, relações em que o uso de um tratamento formal assume um caráter irônico para delimitar algum tipo de relação entre redator e leitor, sobretudo em delocuições. No exemplo abaixo, o redator da nota,

²¹ *O Kosmos*. Ano I, número 10. Março de 1923.

²² *O Alfinete*. Ano IV, número 75. Setembro de 1921.

identificado como Zé Virote, faz um protesto contra o comportamento de uma moça – fato que permite considerar o uso da forma pronominal *senhorita* como sendo irônico:

(20) “PARECE INCRIVEL. Que em pleno Séclo XX, que a civilização invada todos os recantos do mundo, possa existir pessôas que, não obstante ser de origem Africana, julgam-se Franceza: como acontece com a *Senhorita A. C.* da Rua dos Gusmões, que apesar de não pertencer a raça Caucasiana, julga-se branca, e escarnece os pretos. Que hipocrisia! ZÉ VIROTE”²³

Semântica da solidariedade: relações de intimidade

Por outro lado, são impressos nos jornais da Imprensa Negra alguns textos em que ficam evidentes as relações de solidariedade entre os membros da comunidade negra. É válido ressaltar que existe uma correlação entre as formas de tratamento indicativas de solidariedade e os gêneros textuais que requerem usos lingüísticos mais formalizados, seja em alocações ou em delocações. Para se marcar discursivamente a solidariedade, os redatores fazem o emprego de alguns recursos lingüísticos, como, por exemplo, a referência nominal da palavra *amigo*, ou o uso de pronomes possessivos. Seguem alguns exemplos ilustrativos:

(21) AMIZADE. *Ao amigo J. Paulino mano A. Fonseca e Victor Fonseca.*”²⁴

(22) “Completa mais um anno de sua preciosa existência, no dia 11 do corrente, o *nosso amigo Candido Lopes de Siqueira*”²⁵

No primeiro exemplo, o redator emprega os substantivos *amigo* e *mano* para identificar a relação de intimidade e reciprocidade que mantém com os três homens mencionados. No último exemplo, a relação solidária entre a pessoa que escreve a nota e *Candido Lopes Siqueira* é enfatizada pelo uso conjunto do pronome possessivo *nosso*

²³ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

²⁴ *O Alfinete*. Ano I, número 8. Março de 1919.

²⁵ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

com a designação de *amigo*. É comum entre os dois exemplos o fato de que na relação entre os leitores citados e os redatores não se faz necessária a existência de formas de tratamento, evidenciando uma semântica de solidariedade e intimidade recíproca.

Semântica da solidariedade: relações de formalidade

Entretanto, as relações de intimidade e amizade não correspondem à única possibilidade de ocorrência de formas solidárias, haja vista que Brown e Gilman [1972 (1960)] já previam que a solidariedade pode ser evidenciada pela relação em que exista formalidade recíproca, como ocorre nos exemplos a seguir:

(23) “CAIXA DO ALFINETE. *Snr. Frederico Baptista de Souza*: - Muito bem, gostamos de pessoas como o *amigo* diz as verdades e teve uma ideia muito feliz. Nossos parabens. Será publicado o seu trabalho.”²⁶

(24) “REFERENCIAS. Temos a satisfação de transcrever uma carta que nos foi dirigida pelo *snr. Adolpho Lima*, presidente do ‘Gremio Barão do rio Branco’ (...) Pelas referencias feitas pelo *digno senhor*, nota-se o quanto foram gentis a comissão e as pessoas amigas para com as que adheriram ao imponente convescote do dia 29 de Outubro. Eis a transcrição:

São Paulo, 3 de Novembro de 1922

Illmo. Snr. Abílio Rodrigues

(M. D. Redactor do Kosmos)

Saudações cordiaes

(...)

Sem mais assumpto, subscrevo-me com alta estima e elevada consideração de V.S.

Amgo. Servo e Grato

Adolpho Lima²⁷

²⁶ *O Alfinete*. Ano I, número 8. Março de 1919.

²⁷ *O Kosmos*. Ano I, número 6. Novembro de 1922.

Na seção intitulada “Caixa do Alfinete” (23) há um redator, identificado pelo pseudônimo de Cabo da Guarda, que comenta as cartas enviadas à redação, além de oferecer dicas de linguagem e leitura ao público leitor de *O Alfinete*; nesse exemplo houve a fusão do tratamento formal *senhor* com o nome completo de *Frederico Baptista de Souza*, membro destacado da comunidade negra, e com a indicação de *amigo*, resultando num tratamento formal e solidário, pois, muito provavelmente, se se tratasse de uma alocução haveria a reciprocidade do tratamento pronominalizado *senhor*.

O segundo exemplo(24), apesar de ser uma delocução, se caracteriza por revelar o posicionamento, em relação ao uso da forma de tratamento, dos dois interlocutores. Nesse caso, transparece as relações semânticas de solidariedade a partir do uso de formas de tratamento cerimoniosas que exaltam a reciprocidade do relacionamento entre as sociedades congêneres paulistana (*O Kosmos*) e campineira (presidida pelo senhor Adolpho Lima).

Relações solidárias entre redator e leitor

Faz-se ainda necessário observar que pode haver, nos jornais da Imprensa Negra, mas em menor frequência, textos em que, apesar de o redator empregar tratamentos formais para se dirigir ao leitor, discursivamente não se pode caracterizar como pertencentes à semântica do poder, por demonstrarem a naturalidade desse redator – percebida pelo emprego de formas verbais e pronominais em primeira pessoa, chegando até a reproduzir dados de oralidade – ao se dirigir ao leitor, portanto, imprimindo uma relação solidária entre eles. Para ilustrar esse fato, segue um excerto de *O Alfinete*, de março de 1919:

(25) “PELO SALÃO. Reclame da Sociedade 15 de Novembro. É inutil, *meus senhores*, festas como o 15, só o 15, mesmo, não adianta imitações. Pergunto, festas ou benefícios, cobrando 3\$000 na porta, das *Senhoras Damas e cavalheiros*, não há Imitações. O 15, *Snr. P...* antigamente só dava festas, mas ha 7 mezes para cá só dá benefícios. Não há imitações! Continua.”²⁸

Considerações finais

A proposta desse estudo é realizar uma discussão dos dados a partir do cruzamento de vários aspectos, tais como índices históricos e sociais da população negra do período e características do gênero textual e do tipo de enunciação em que a forma de tratamento foi encontrada, buscando identificar inter-influências entre eles. Além desses aspectos, é de fundamental importância para a finalidade dessa discussão a constatação de que a forma de tratamento empregada revela um uso da semântica da solidariedade ou do poder, para se tentar identificar características sociais dessa população por meio de suas escolhas lingüísticas.

Os jornais paulistanos pertencentes à Imprensa Negra do início do século XX revelaram uma vasta fonte para o estudo das formas de tratamento empregadas no período, por representarem um aparato composto por textos de diferentes naturezas e, portanto, com diferentes propósitos. Esse material de análise fez possível, por conseguinte, a contraposição dos usos das formas de tratamento e a atribuição de valores a esses usos.

Referências bibliográficas:

BROWN, R. & GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: GIGLIOLI, P.P. (ed.) *Language and Social Context*. Selected Readings. Middlesex, England. Penguin Books, 1972 [1960].

FERRARA, M.N. *A imprensa negra paulista (1915 – 1963)*. FFLCH/USP, 1986. (Antropologia 13).

²⁸ *O Alfinete*. Ano I, número 8. Março de 1919.

LEITE, J.C. & CUTI. ... *E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

MENON, O. O sistema pronominal do português do Brasil. *Revista Letras*, v. 44, p. 91-106, 1995.

SOTO, E.U. Variação/Mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas. 2001. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa).